

A *villa* romana de Frielas

Ana Raquel Silva*

Resumo

A *villa* Romana de Frielas localiza-se na freguesia de Frielas, concelho de Loures, distrito de Lisboa. Actualmente identificada a *pars urbana*, foi ocupada desde meados do século III d.C. – inícios do século IV d.C.. Caracteriza-se pela existência de um amplo *peristilium* e pelos mosaicos de decoração variada. Sofreu algumas remodelações do espaço interno. Não é possível, para já, adiantar uma data para o seu abandono. O espaço foi, no entanto, num período pós-romano, ocupado com outra função: abertura de várias bolsas, talvez inicialmente para armazenamento de cereais, num segundo momento, para despejo de lixos domésticos.

Palavras-chave: Romanização. Villa romana. Frielas (Loures).

Résumé

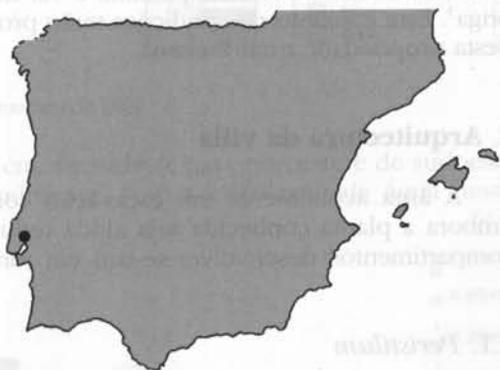
La villa Romaine de Frielas se localise dans la paroisse de Frielas, commune de Loures, district de Lisboa. Identifié la *pars urbana*, la villa a été occupée depuis le milieu du III^{ème} siècle d.C. – le début du IV^{ème} siècle d.C.. Elle se caractérise par l'existence d'un large *peristilium* et par les mosaïques avec une décoration variée. Il y a eu quelques réformes internes. Il n'est pas possible, encore, d'avancer une datation pour son abandon. L'espace a été, toutefois, occupé, dans une période post-romaine, avec un autre but: l'ouverture de diverses fosses, initialement pour garder les céréales, après, pour vider les restes domestiques.

Mots-clé: Romanization. Villa romaine.

* Arqueóloga do Museu Municipal de Loures – Câmara Municipal de Loures. Os desenhos apresentados são da autoria de Luís Carlos Reis, assistente de arqueólogo no Museu Municipal de Loures – Câmara Municipal de Loures.

1. Introdução

A *villa* romana de Frielas, assim chamada por se localizar na povoação com o mesmo nome dado o desconhecimento de qualquer registo epigráfico ou textual, situa-se na zona norte da freguesia de Frielas, na margem direita da



ribeira da Póvoa, a uma cota de 7-10 m (Fig.1). Integrava o território de Olisipo que, no que respeita ao actual município de Loures, seria consideravelmente ocupado nesta época¹.

Fruto da sua localização na várzea de Loures, beneficiou, por certo, da proximidade do rio – permitindo a navegabilidade, o abastecimento de água, a actividade piscícola e a exploração de sal² – e da fertilidade do solo. A cerca de

¹ OLIVEIRA, A.C. (1998) – A *villa* romana das Almoínhas (Loures) no contexto da Presença Romana no concelho de Loures. In *Da Vida e da Morte. Os Romanos em Loures*. Catálogo de Exposição de Arqueologia, Museu Municipal de Loures, Câmara Municipal de Loures, p. 29-41.

² Há referências à existência de salinas em documentos medievais e modernos em Frielas e no Tojal, por influência das correntes marinhas; no entanto, até à data, não foram encontrados na *villa* de Frielas vestígios relacionados com esta actividade.



Fig.1 – Localização da *villa* de Frielas na várzea de Loures (vista poente).

2 km, na Ponte de Frielas, passaria a via Romana que ligava Olisipo a Conímbriga³. Este conjunto de condições terão promovido, decerto, o estabelecimento desta propriedade rural Romana.

2. Arquitectura da *villa*

A área actualmente em escavação corresponde à *pars urbana* da *villa*. Embora a planta conhecida seja ainda reduzida, tratar-se-ia de uma *villa* cujos compartimentos desenvolver-se-iam em torno de um *peristilium* quadrangular.

2.1. *Peristilium*

A *villa* desenvolve-se em volta de um *peristilium* quadrangular, com 17.5m de largura, apresentando uma área de cerca de 306m² (Fig.2); é constituído por dois muros paralelos entre os quais existiria, provavelmente, um espelho de água. Estes muros são constituídos por pedra calcária, não aparelhada, e argamassa; o muro interior é mais largo – cerca de 50cm – do que o exterior – cerca de 37cm –, apresentando um revestimento parietal composto de duas camadas: uma primeira camada de argamassa, aplicada sobre a pedra calcária e uma segunda, de cor rosa, provavelmente com óxido de ferro na sua constituição. Esta última camada apresenta-se picada, parecendo preparada para receber uma camada final, talvez estuque. A base do espaço entre os dois muros tem uma secção côncava, revestida a *opus signinum* (Fig.3); este espaço apresenta

³ Junto a essa via estaria o miliário encontrado em Frielas no início do século XX.

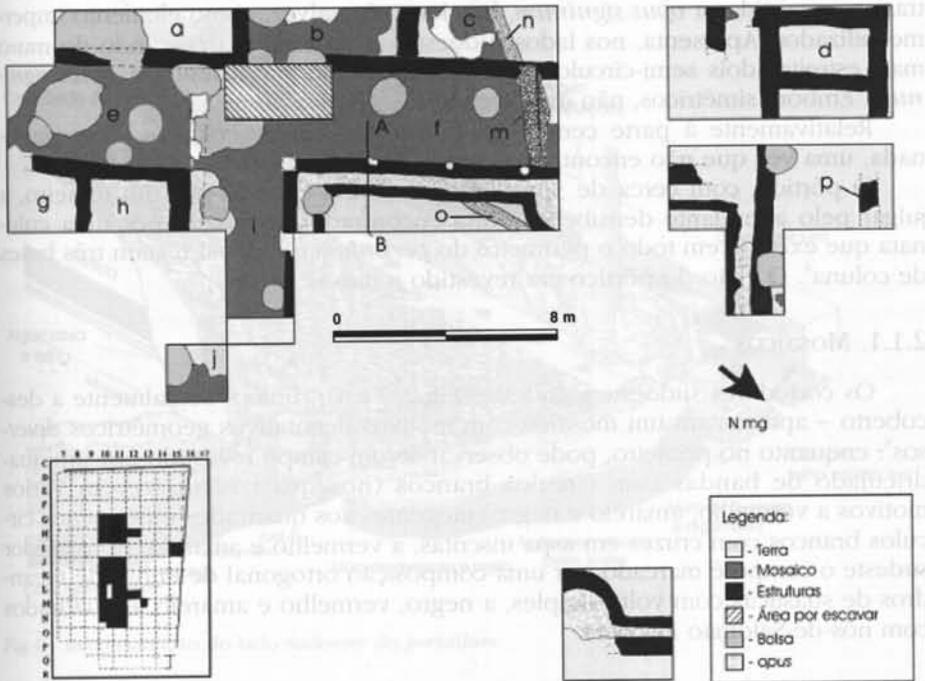


Fig. 2 – Planta geral da villa de Frielas, em Outubro de 2001.

um desnível contínuo de cerca de 1cm, de sudeste para noroeste e de sudoeste para nordeste, relacionado provavelmente, com a circulação de água neste espaço.

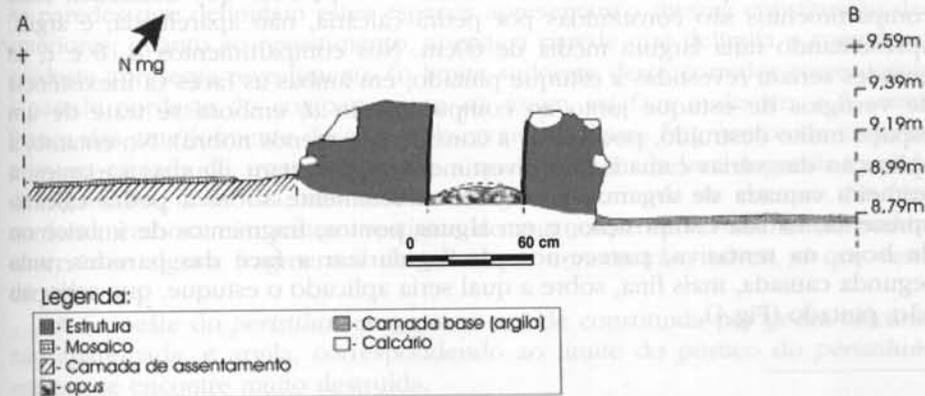


Fig. 3 – Corte transversal do lado sudeste do peristilum.

Embora até à data não tenham sido encontrados vestígios da entrada e saída de água neste espaço, na verdade as faces internas dos dois muros encon-

tram-se revestidas a *opus signinum*, funcionando, talvez, como elemento impermeabilizador. Apresenta, nos lados sudoeste e nordeste, e arrancando do muro mais estreito, dois semi-círculos, revestidos, na base, igualmente, a *opus signinum*. Embora simétricos, não estão centrados no *peristilum*.

Relativamente à parte central do *peristilum*, parece-nos que seria ajardinada, uma vez que não encontramos vestígios de pavimento.

O pórtico, com cerca de 3m de largura, seria coberto por um telheiro, a julgar pelo abundante derrube de telha encontrado, suportado por uma colunata que existiria em todo o perímetro do *peristilum* e da qual restam três bases de coluna⁴. O chão do pórtico era revestido a mosaico.

2.1.1. Mosaicos

Os corredores sudoeste e sudeste (Fig.2, *f* e *i*) - únicos actualmente a descoberto - apresentam um mosaico com motivos decorativos geométricos diversos⁵: enquanto no primeiro, pode observar-se um campo revestido por um quadrilado de bandas com círculos brancos (nos quais se inscrevem vários motivos a vermelho, amarelo e negro) tangentes aos quadrados e pequenos círculos brancos com cruzes em aspa inscritas, a vermelho e amarelo, no corredor sudeste o campo é marcado por uma composição ortogonal de linhas de meandros de suásticas com volta simples, a negro, vermelho e amarelo, e quadrados com nós-de-Salomão inscritos.

2.2. Compartimentos

Do lado sudoeste da *villa* identificaram-se alguns compartimentos (Fig.2, *a*, *b*, *c* e *d*) cuja funcionalidade não está, ainda, esclarecida. Embora do compartimento *d* restem apenas alguns vestígios das paredes, é possível concluir que todos eles eram pavimentados com mosaico. As paredes que delimitam estes compartimentos são constituídas por pedra calcária, não aparelhada, e argila, apresentando uma largura média de 60cm. Nos compartimentos *a*, *b* e *c*, as paredes seriam revestidas a estuque pintado, em ambas as faces (a inexistência de vestígios de estuque junto ao compartimento *d*, embora se trate de um espaço muito destruído, pode levar a considerá-lo menos nobre). No entanto, a aplicação das várias camadas de revestimento apresentam algumas variantes: a primeira camada de argamassa, assente directamente sobre a pedra calcária apresenta, na sua composição, e em alguns pontos, fragmentos de ímbrice ou de bojo, na tentativa, parece-nos, de regularizar a face das paredes; uma segunda camada, mais fina, sobre a qual seria aplicado o estuque, que seria, ou não, pintado (Fig.4).

⁴ Foram recolhidos quatro fragmentos de colunas na freguesia - o primeiro deles recolhido na obra de reparação do pavimento da Rua da Quinta do Caiado, dois na abertura das valas para o Gás de Lisboa, em 1998 e o último deles, na limpeza dos tanques de rega existentes junto às estruturas da *villa* - muito possivelmente relacionados com a *villa*.

⁵ O estudo dos mosaicos da *villa* Romana de Frielas tem vindo a ser realizado por Maria Teresa Caetano, Mestre em História de Arte.

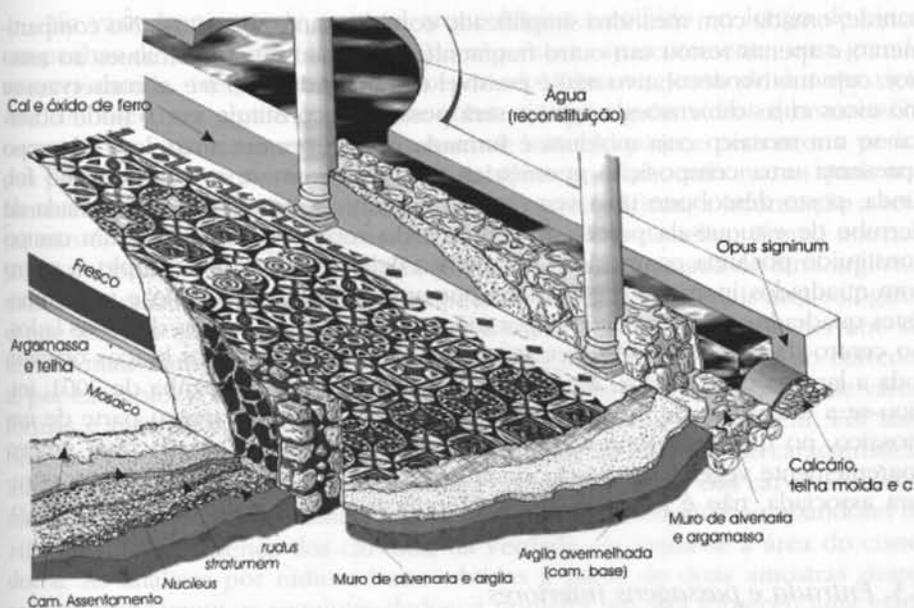


Fig. 4 – Reconstituição do lado sudoeste do *peristilum*.

Infelizmente, não é possível reconstituír, na totalidade, os motivos decorativos na medida em que o que resta é um grande derrube de fragmentos de estuque, onde se reconhecem as cores vermelho, azul, verde, amarelo e branco.

A sudeste, identificaram-se um corredor (?) e dois possíveis compartimentos (Fig. 2, e, g e b); enquanto o corredor tem o chão pavimentado com mosaico, os dois compartimentos não apresentam vestígios de qualquer tipo de pavimento. As paredes que delimitam estes espaços apresentam a mesma constituição das anteriores; quanto ao revestimento, apenas a parede que delimita o corredor a nordeste apresenta revestimento (o limite sudoeste deste corredor corresponde à parede nordeste do compartimento a): assim, na face sudoeste, e à semelhança das anteriormente descritas, observam-se alguns fragmentos de tijolo na primeira camada de argamassa, sobre a qual foi aplicada uma segunda camada de argamassa, mais fina; não restam vestígios da camada de estuque. Na face nordeste, embora não restem vestígios de argamassa de revestimento, podem observar-se alguns fragmentos de telha que constituirão, talvez, o que resta daquela.

A noroeste do *peristilum* surge uma parede constituída por pedra calcária, não aparelhada, e argila, correspondendo ao limite do pórtico do *peristilum*, embora se encontre muito destruída.

2.2.1. Mosaicos

No compartimento d apareceu o primeiro fragmento de mosaico, *in situ*, desta *villa*; com 50.5x46.5 cm, apresentava, apenas, a faixa de ligação branca à

parede, ornada com meandro simplificado com diamantes inscritos⁶. No compartimento *c* apenas restou um outro fragmento, de dimensões semelhantes ao anterior, cujo motivo decorativo não é possível compreender. Em *b* e *a*, conservam-se mosaicos cujas dimensões originais será possível reconstituir; em *b* pode observar-se um mosaico cuja moldura é formada por cruces em amarelo e o campo apresenta uma composição geométrica policroma; em *a*, o mosaico não foi, ainda, posto descoberto uma vez que se lhe sobrepõe uma espessa camada de derrube de estuque da parede. O mosaico do corredor *e* apresenta um campo constituído por uma composição geométrica delimitada por filete duplo, a negro com quadrados inscritos, preenchidos por um entrançado múltiplo e policromo. Estes quadrados estão envolvidos por triângulos isósceles, em três dos seus lados. Ao centro da composição parece existir uma cruz branca, cujos braços ocupam toda a largura do corredor. Ainda a sudeste, no final da campanha de 2001, iniciou-se a escavação de uma quadrícula (Fig.2, *j*) na qual apareceu parte de um mosaico, no qual está representado parte de um cântaro, inscrito num motivo aparentemente vegetalista. Sendo ainda uma área reduzida, sem nenhuma estrutura associada, não é possível, ainda, identificar a funcionalidade deste espaço.

2.3. Entrada e passagens interiores

A área actualmente posta a descoberto não forneceu, ainda, qualquer dado que nos remeta para a localização da entrada da *villa*. Dada a proximidade da via principal que ligava Olisipo a Conímbriga, é possível que daí partisse um caminho secundário de acesso à *villa* de Frielas, actualmente muito difícil de identificar. Não será de excluir, igualmente, um acesso via fluvial, embora esta hipótese necessite de confirmação arqueológica.

Em relação às passagens interiores, só foi identificada uma: trata-se da entrada sudeste do *peristilum*, marcada por um painel de mosaico, o qual apresenta uma composição ortogonal de ganizes adjacentes, a negro e branco, limitado por um filete duplo. Este painel separaria o espaço do *peristilum* do corredor *e* a sudeste. Outro tipo de passagem, marcada por soleira de porta, por exemplo, não foi possível, ainda, identificar. Uma das razões poderá relacionar-se com um conjunto de bolsas de despejo de lixos domésticos (talvez utilizadas, inicialmente, como silos), abertas no período Medieval/Moderno, e que destruíram estruturas e mosaicos, dificultando, muitas vezes, uma correcta leitura da planta da *villa*.

3. Cronologia de ocupação

Julgamos que a *villa* de Frielas terá funcionado desde o século III d.C. até um período bem tardio, a julgar por alguns fragmentos de *terra sigillata* aí recolhidos.

⁶ O levantamento e tratamento deste fragmento de mosaico foi objecto de um poster apresentado, em 1999, no 3º Congresso de Arqueologia Peninsular, com o título *Conservação do mosaico Romano da Estação Arqueológica de Frielas (Loures)*.

No vasto conjunto de material arqueológico recolhido ao longo de cinco campanhas de escavação (1997 – 2001) não existe, aparentemente, uma grande amostra datada, inequivocamente, do período Romano. Juntando à *terra sigillata*, às moedas, a algum material de construção, a alguns vidros e bronzes (?), os mosaicos e as estruturas, todo o restante material parece pertencer a períodos posteriores. Recorremos a algumas datações por radiocarbono, as quais nos forneceram algumas pistas, já que em termos estratigráficos, a informação a retirar não é, igualmente, abundante. Abaixo do derrube de telha, o qual marcará já um período de abandono da *villa*, identifica-se uma camada de terra argilosa, muito compacta, de cor amarela acastanhada, estéril em materiais arqueológicos e que assenta sobre os pavimentos em mosaico. Esta camada de derrube de telha é mais abundante na área circundante ao *peristilum*. Na área do corredor *e*, por exemplo, o derrube era maioritariamente constituído por tijolos, de várias formas e tamanhos, desconhecendo-se, por enquanto, a sua origem. Foi também no corredor *e* que se identificou uma camada de carvões; de características idênticas à anteriormente descrita, integra o elemento novo dos carvões. Inicialmente interpretada como uma camada directamente associada ao abandono da *villa*, devido à presença dos carvões, na verdade ela limita-se à área do corredor *e*. As análises por radiocarbono obtidas a partir de duas amostras destes carvões forneceram os seguintes dados: a primeira amostra forneceu uma idade de 1880 ± 50 BP, com intervalos para 1 sigma, 79-224 cal AD e para 2 sigma, 24-46 cal AD, 52-249 cal AD e 309-311 cal AD; da segunda amostra obteve-se uma idade de 1650 ± 70 BP, com intervalos para 1 sigma, 340-463 cal AD, 475-532 cal AD e para 2 sigma, 243-566 cal AD, 579-592 cal AD⁷; são datas muito abrangentes, não permitindo afinar um momento preciso correspondente a um possível incêndio.

3.1. Mosaicos

O estudo, ainda parcial, dos mosaicos de Frielas aponta para uma cronologia de meados do século III d. C.

Em todos os mosaicos já descobertos podem observar-se áreas remendadas; em algumas delas, para o preenchimento das lacunas, recorreu-se a *opus signinum* ou a fragmentos de *imbrice* em vez de repor novamente as *tesselae*. Se um uso prolongado no tempo poderá ter levado ao desgaste destes pavimentos, também a determinada altura, os seus proprietários poderiam já não ter a capacidade financeira de outrora para reparar os pavimentos da *villa*.

Dadas as características argilosas do terreno, o assentamento dos mosaicos foi simplificado em relação às regras clássicas (situação frequente noutros mosaicos da região olisiponense). Verificam-se excepções nos compartimentos *b* e *c* que, por estarem a uma cota superior à dos restantes (cerca de 30cm), apresentam uma maior complexidade na técnica de assentamento dos mosaicos.

⁷ Ambas as amostras de carvões foram analisadas no ITN, e têm as referências Sac-1581 e Sac-1712, respectivamente.

3.2. Estruturas

As estruturas entretanto postas a descoberto parecem indicar mais do que um momento de construção nesta *villa*.

Assim, e começando pelas estruturas *n* e *o* (Fig.2), temos dois troços de paredes desalinhados em relação às restantes paredes existentes na *villa*. Também entre ambos não parece existir qualquer alinhamento. Com cerca de 50cm de largura, ambos são constituídos por pedra calcária, não aparelhada, e argila, não apresentando vestígios de revestimento parietal. O troço de parede *o* localiza-se no interior do *peristilum*, na diagonal entre a parede exterior daquele e a estrutura em semi-círculo. A continuação dos trabalhos poderá esclarecer se se trata de uma estrutura anterior ao *peristilum* ou se de um complemento decorativo no interior daquele. Em relação à parede *n*, esta encontrava-se sobreposta, em parte, pelo derrube de telha que selava o nível de abandono da *villa*. Se corresponder ao limite noroeste do compartimento *c* (Fig.2), poderemos estar perante um espaço de planta diferente das restantes e com uma função específica. Ainda que a camada de assentamento do mosaico do compartimento *c* termine junto à face da parede, corroborando, um pouco, a hipótese acima descrita, não é de excluir uma eventual maior antiguidade desta estrutura.

Quanto às estruturas *k*, *l* e *m* (Fig.2), elas corresponderão, aparentemente, a uma remodelação da planta original da *villa*. O troço de parede *k*, com cerca de 60cm de largura, constituído por pedra calcária, não aparelhada, e argila assenta, em parte, sobre o mosaico do corredor *e* e sobre o mosaico de ganizes, que marcava a entrada sudeste do *peristilum*. Embora muito destruída – pelas bolsas abertas posteriormente –, existem ainda alguns vestígios da sua continuação para nordeste (Fig.2, *d*). Ao construir-se esta parede, a entrada sudeste do *peristilum*, marcada pelo painel musivo dos ganizes, terá ficado, aparentemente, desactivada, reduzindo a largura do pórtico. A estrutura *m* apresenta características um pouco diferentes; estamos perante uma grande mancha de argamassa, envolvendo alguns poucos calcários, de contorno muito irregular, sobre a qual restam vestígios do arranque de uma parede, com revestimento parietal. Esta estrutura assenta sobre o mosaico e interrompe a parede que delimitava o pórtico a sudoeste. À semelhança da estrutura *k*, vai também ‘fechar’ o corredor sudoeste do *peristilum*. Embora a parede que se lhe sobre põe apresente características semelhantes às restantes, ela assenta num alicerce constituído pela mancha de argamassa que, ao ser construída, cortou o derrube de telha aí existente, pressupondo uma construção posterior ao abandono da *villa*.

3.2. Materiais arqueológicos

Embora o número de moedas do período Romano encontrado na *villa* ultrapasse já as duas dezenas, apenas sete se encontram já estudadas, fornecendo uma visão muito parcial da realidade monetária vivida na *villa* de Frielas; na sua maioria apontam para o final do século IV d.C..

O estudo da *terra sigillata*⁸ recolhido nas três primeiras campanhas de escavação mostra um predomínio das produções africanas – especialmente o fabrico de tipo C – em relação às hispânicas e sud-gálicas, concluindo-se que o grosso das importações verifica-se, sobretudo, a partir do século III d.C., elemento que condiz com a cronologia do mosaico. Relativamente às produções mais tardias, foi recolhido no *peristilum*, nomeadamente no espaço entre muros – o qual encontrava-se entulhado, à data da descoberta, sobretudo com material de construção –, um fragmento de bordo correspondendo a uma Hayes 99, produção datada dos finais do século VI d.C. – inícios do VII d.C.; também no interior de uma das bolsas, foi encontrado um fragmento de bordo de uma Hayes 91D, datada da 1.ª metade do século VII d.C..

Se a importação destes elementos tardios pressupõe a existência, ainda, de capacidade económica e estatuto social por parte dos proprietários da *villa*, este parece mais diminuto se compararmos o número reduzido destes exemplares em relação aos do século III – IV d.C..

4. Considerações finais

A sociedade Romana apreciava bastante o mundo rural; daí que muitas famílias ricas possuíssem propriedades rurais que se constituíam como verdadeiros pólos de produção económica. O funcionamento da *villa* de Frielas não seria, decerto, muito distinto do das outras *villae* já amplamente conhecidas, ainda que os dados actualmente disponíveis sejam reduzidos e correspondam, apenas, à *pars urbana* da *villa*. A delimitação da área desta propriedade Romana e identificação dos seus vários componentes constitui um dos objectivos da investigação que se iniciou na Páscoa de 1997. Será difícil recuperar a totalidade do conjunto já que se desenvolvia por áreas actualmente ocupadas por edifícios vários. Ainda assim, foram entretanto realizadas sondagens em dois pontos diferentes da freguesia e feito o acompanhamento de algumas obras nas imediações da *villa*, não tendo sido possível encontrar vestígios da *pars rustica* e *fructuaria*, das termas ou necrópole.

Ainda assim, a recolha de alguns fragmentos de *dollia* presume a existência de excedentes armazenados, produto de intensa produção agrícola bem como o aparecimento de alguns fragmentos de pesos de tear pode indiciar a prática de tecelagem, bem como a criação de gado lanígero.

É bem possível que o estabelecimento desta *villa* Romana em Frielas tenha acontecido em meados do século III d.C. – inícios do século IV d.C., contemporâneo do início da decadência urbana Romana, situação que veio permitir o desenvolvimento da grande propriedade rural. Numa época em que as dificuldades começavam a assolar o Império Romano, estes pequenos pólos rurais tenderam a implantar sistemas de auto-suficiência, reduzindo a sua dependência do exterior, mas não abdicando de certos luxos. No caso de Frielas, tal situação é evidente com os pavimentos em mosaico e as importações de *terra sigillata*.

⁸ Encontra-se no prelo um artigo, da autoria da signatária, sobre a *terra sigillata* da *villa* de Frielas.

A partir do século V d.C., com a ruptura administrativa Romana e a instabilidade política dos recém-chegados povos germânicos à Península Ibérica, o poder exercido pelos proprietários das *villae* começa a basear-se, sobretudo, no número de trabalhadores que possuem e nas rendas que estes lhes pagavam; em detrimento de uma boa gestão das suas terras, optam por formar pequenos exércitos. Muitas das *villae* de Baixo Império fortificaram-se; até que ponto Frielas se incluiu neste grupo? Dois documentos datados de 1310, relativos ao reinado de D. Dinis, referem a existência de uma torre em Frielas⁹; pouco mais se conhece acerca desta construção, tão-pouco vestígios actuais. Será, decerto, arrojado relacionar esta torre com uma fase de fortificação da *villa* de Frielas. No entanto, não deixa de constituir uma hipótese de trabalho à qual só a continuação dos trabalhos arqueológicos poderá dar resposta. Certa é a presença de fragmentos de *terra sigillata* tardia, o que pressupõe o funcionamento da *villa* até, pelo menos, os inícios do século VII d.C..

Por último, não poderíamos deixar de referir as diversas bolsas que foram abertas, aparentemente desordenadas, no espaço actualmente em escavação. Inicialmente, talvez utilizadas como silos de armazenagem, foram, em determinado momento, preenchidas com lixos domésticos. Se não é possível, para já, localizar no tempo a abertura destas bolsas, é no entanto possível datar algum do seu conteúdo: quer através do estudo dos materiais aí recolhidos, quer através de uma datação por radiocarbono obtida a partir de uma amostra de carvão recolhida junto a uma concentração cerâmica. O resultado desta análise foi a data de 960 ± 100 BP, com intervalos para 1 sigma, 997-1214 cal AD e para 2 sigma, 888-1281 cal AD¹⁰, indicando, à semelhança das outras datações, um período muito abrangente, mas considerado, já, Medieval.

Na verdade, estas bolsas vieram conferir ao espaço habitacional da *villa* Romana uma outra função. E embora a sua existência e o seu conteúdo sejam igualmente importantes no estudo da continuação de ocupação deste sítio, vieram dificultar a interpretação actual das estruturas do período Romano.

⁹ BARBOSA, P.G., VICENTE, A.B., (1999) – Frielas Medieval. In *O Medieval e o Moderno em Loures. Viagens pelo Património*. Catálogo de Exposição de Arqueologia, Museu Municipal de Loures, Câmara Municipal de Loures, p. 21-35.

¹⁰ A amostra de carvões foi analisada no ITN, e tem a referência Sac-1582.

Bibliografia

- ADAM, J.-P. (1984) – *La construction Romaine. Matériaux et techniques*. Paris: Éditions A. et J. Picard.
- CAETANO, M.T. (1998) – Mosaico Romano de Frielas (Concelho de Loures). In *Da Vida e da Morte. Os Romanos em Loures*. Museu Municipal Loures: Câmara Municipal. p.107-112. Catálogo de Exposição de Arqueologia.
- MANTAS, V.G. (1998) – Vias Romanas do Concelho de Loures. In *Da Vida e da Morte. Os Romanos em Loures*. Loures: Museu Municipal. p. 17-28. Catálogo de Exposição de Arqueologia.
- MANTAS, V.G. (1998) – Vias Romanas do Concelho de Loures. In *Da Vida e da Morte. Os Romanos em Loures*. Museu Municipal. Câmara Municipal Loures, p. 17-28. Catálogo de Exposição de Arqueologia.
- MATTOSO, J. (dir.) (1992) – *História de Portugal. I. Antes de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- PESSOA, M. (1998) – *Villa Romana do Rabaçal*. Câmara Municipal de Penela.
- RUIVO, J. (1998) – Subsídios para o Estudo da Numismática romana do Concelho de Loures. In *Da Vida e da Morte. Os Romanos em Loures*. Museu Municipal Loures: Câmara Municipal p. 65-73. Catálogo de Exposição de Arqueologia
- SILVA, A. R. (1998) – A presença Romana em Frielas. In *Da Vida e da Morte. Os Romanos em Loures*. Museu Municipal Loures: Câmara Municipal p. 43-48. Catálogo de Exposição de Arqueologia
- SILVA, A. R. (2000) – A estação arqueológica de Frielas. In *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular.VI. Arqueologia da Antiguidade na Península Ibérica*. Porto: ADECAP, p. 481-489.

Palavras-chave: Epigrafia; Cárquere; Romanização.

Abstract

Four epigraphical fragments from Cárquere (Risoniló, Portugal) are presented in this paper. Cárquere, in the hill north of river Ózeta, municipality of Risoniló, is known by its numerous epigraphic collections, dispersed by several museums (Lisbon, Lourenço, Guimarães, Évora), which makes difficult its analysis and study. The discovery of new inscriptions, during the construction of a road led to a better understanding of the romanization of Douro region.

Key-words: Epigraphy; Cárquere (Risoniló, Portugal); romanization.

¹ Comunicação apresentada no II Congresso Internacional sobre o Douro, organizado pelo II de Abril e 2 de Maio de 1996, na Vila Nova de Gaia, Lourenço e 1996, pp. 14-15.

² Investigação em Epigrafia. Monografia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 1998, pp. 1-10.

³ Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular, VI. Arqueologia da Antiguidade na Península Ibérica, Porto, 2000, p. 481-489.

A partir do século V d.C., com a supressão administrativa Romana e o estabelecimento de uma unidade política das recém-chegadas povoações germânicas à Península Ibérica, o poder visigótico sobre o território ibérico, e a consequente centralização e unificação do número de habitações que constituem o núcleo urbano, a organização dos edifícios em conjuntos de uma ou duas ruas das suas torres, tipismo por forma poligonal e exteriormente com um telhado de águas verticais, e a existência de um espaço exterior de circulação e estacionamento, são características que se mantêm até ao século VIII d.C. No entanto, não deixa de constituir uma hipótese de trabalho a qual se a construção dos edifícios visigóticos se desenvolveu a partir de um tipo de planta que já existia em épocas anteriores, e que por isso não se pode considerar um elemento de ruptura com o passado.

Por último, não se pode esquecer de referir as diversas fontes arqueológicas abertas, aparentemente desordenadas, no espaço actualmente em escavação. Inicialmente, estas fontes se caracterizam de forma semelhante a observadas em diversos sítios romanos, apresentando um tipo de distribuição de edifícios em torno de um núcleo centralizado. Posteriormente deixam, e por razões ainda actual e pertinentes do ponto de vista arqueológico, de apresentar um tipo de distribuição de edifícios em torno de uma dasção por radiocêntrica aberta a partir de uma área de origem recolhida junto a uma concentração cerâmica. A datação desta planta foi a data de 560±100 BP, com intervalos para 1000±200 BP (sigla A) e 1000±100 BP (sigla B), 888-1281 cal AD¹⁷, indicando, a semelhança das outras datações, um período muito abrangente, mas considerado o Medieval.

Na verdade, estas fontes vieram expor ao espaço habitacional da vila romana uma outra função. Embora a sua existência e o seu conteúdo sejam igualmente importantes no estudo da continuidade de ocupação deste sítio, vieram dificultar a interpretação actual das estruturas do período romano.

¹⁷ KUBERSA, F.G., VICENTE, A.B. (1990) - *Excavación Medieval*. In *El Medieval y el Moderno en Girona. Viajes por Patrimonio*. Catálogo de exposición de Arqueología. Museu Municipal de Girona. Museu Municipal de Girona, p. 21-25.

¹⁸ A planta de fontes foi publicada por TITUS em 1982 e referida por BERMEJO em 1982.